

Rhodes prevê o fim da crise da dívida externa ainda em 92

DEBORA BERLINCK
Correspondente

DAVOS — Em agosto, a chamada crise da dívida externa da América Latina, que em 1982 quase levou vários bancos privados credores ao colapso, poderá ser considerada encerrada, previu ontem, pela primeira vez em uma década, William Rhodes, presidente do Citibank e do comitê dos bancos credores. O que vai encerrar a crise, segundo Rhodes, serão os acordos que os bancos privados esperam fechar até agosto com dois grandes devedores: Brasil e Argentina, com dívidas de cerca de US\$ 50 bilhões e US\$ 30 bilhões, respectivamente.

— Precisamos, para isso, de fechar o acordo com Argentina e Brasil. Eu diria que estamos na fase final da crise da dívida latino-americana. De 1982 até recentemente, a América Latina era considerada um pária — disse.

O banqueiro anunciou que, no caso do Brasil, um acordo de princípios deverá sair entre 90 a 180 dias. O acordo propriamente dito (assinado pelos bancos), no entanto, só deverá ser fechado no final do ano. É que esse acordo de princípios é o resultado das negociações entre o país devedor e o comitê. A partir daí, o comitê tem que oficializá-lo no papel, preparar a docu-

mentação e convencer os vários bancos que representa a assiná-lo, o que normalmente leva seis meses.

Otimista, Rhodes disse que o acordo com o Brasil poderá sair antes mesmo de agosto. O maior problema na atual fase da negociação, segundo o banqueiro, é o volume de garantias que os bancos esperam receber das instituições multilaterais (do Fundo Monetário Internacional, especialmente). Essa garantias, negociadas no acordo com o México, em 1989, funcionam como lastro: elas dão aos bancos a segurança de que os devedores vão cumprir seus compromissos. Os bancos esperam que o Brasil obtenha o **extended fund facility** do FMI (crédito ampliado, que deve significar mais US\$ 1,5 bilhão para o país) para conseguir um volume maior de garantias.

— Ainda não há volume de garantias suficiente — disse Rhodes.

Rhodes discutiu o acordo, separadamente, com os ministros da Economia do Brasil, Marcílio Marques Moreira, e da Argentina, Domingo Cavallo, durante a reunião anual do Fórum Econômico Mundial, em Davos. Ele saiu do encontro com Marcílio dizendo:

— Estamos perto de acordo sobre os termos para as garantias e a taxa de desconto (redução do principal da dívida).